

Na quinta-feira ultima um grupo de intelectuais ofereceu a Vianna Moog, no Automovel Club um almoço, que constituiu o grande acontecimento da semana. Afonso Arinos de Melo Franco, Marques Rebelo, Alvaro Moreyra, Bricio de Abreu, Olegario Mariano, Pedro Calmon, Ademar Tavares, Manuel Bandeira, Eugenia Alvaro Moreyra, Joel Silveira, Oliveira e Franklin, Danilo Bastos, Jorge de Lima, João Daudt de Oliveira, Peregrino Junior, Jayme Adour da Camara, Loureiro da Silva, prefeito de Porto Alegre, José Lins do Rego, Antonio Barata, Daudt de Oliveira Filho, e muitos outros, em um ambiente de franca camaradagem prestaram ao jovem autor gaúcho, uma significativa homenagem de admiração, demonstrando assim que os intelectuais do Brasil, sejam eles do sul, do centro, ou do norte, tem sempre o apreço, a consideração e a admiração de seus colegas, sempre que sejam realmente um intelectual.

Varios escritores se fizeram ouvir nesta manifestação, cabendo a José Lins do Rego saudar o illustre autor de "Eça de Queiroz e o XIX seculo, em nome da nova geração. Jayme Adour da Camara no da velha geração e Joel Silveira no da "novissima".

O DISCURSO DE JOSE' LINS DO REGO

Nós estamos aqui reunidos para homenagear um benemérito de nossa geração. Nós tinhamos uma letra vencida, compromisso de honra quasi que protestado. Tinha havido um homem que nos libertára de verdadeira escravidão. Quero me referir a Eça de Queiroz e aos chamados classicos portuguezes, aos mediocres classicos portuguezes, sobretudo aos mais recentes, de Camilo Castelo Branco e Antonio Feliciano de Castilho. Camilo creára uma coisa chamada de estilo *camillano*, uma maneira de dizer aos gritos, e quando baixava a voz era para exibir uma falsa riqueza vocabular de doer nos ouvidos, adjetivos copiosos, adverbios rangindo, pronomes se espremendo.

A lingua portuguesa, tão viva, tão expressiva na boca dos cronistas, tão poderosa no Camões dos "Lusiadas", tão lirica no Camões dos "sonetos", caíra no precioso, no enfeite, na abundancia só de palavras. Virára assim pedregulhos, e andar pela sua estrada era sacrificio muito bom para o licio de santos frades.

Eça de Queiroz chegára no pior momento. E o que ele fez foi verdadeiramente obra de genio porque teve força de fazer andar um defunto. A lingua portuguesa depois de Eça de Queiroz começou a respirar outra vez, a andar, a viver. Eça fizera circular sangue novo naquelas arterias entupidas. Nós aqui no Brasil estavamos com Camilo Castelo Branco, de capa encarnada, procurando erro de gramatica uns nos outros, contando pronomes, somando regencias, descobrindo galicismos como quem descobre estragos e doença do mundo. Eça de Queiroz apareceu com a saborosa e livre lingua dos seus livros. Era como se nos tirasse de uma marmorra para uma

beira de praia, das quatro paredes de uma enxovia da policia central, para nos soltar em frente do Oceano Atlantico, com o sol, a ventania rude do mar batendo no nosso rosto.

Pois bem, a este doador da liberdade, especie de Bolivar das letras nada tinhamos oferecido em retribuição. Estavamos por ai, calados, desfrutando os beneficios sem a coragem e a decencia de falarmos do benefactor. Por isto chamei no começo Viana Moog do resgatante da nossa geração. O seu livro sobre Eça de Queiroz tirou de nossas costas um compromisso sério. E aqui estamos reunidos para homenagea-lo por esse feito.

Bem feliz foi ele no seu esforço. O Eça de Queiroz que o ensaísta gaúcho planejou e concluiu é um ser vivo, é uma força de natureza que se move em pleno vigor em seus livros. Moog nos deu um Eça inteiro em carne, osso e espirito, na mistura que fez da vida e da obra do creador dos "Malas". Lendo o seu ensaio fica-se amando mais o grande peninsula, aquela ponta de genio ibérico, que não é só gloria de Portugal e Brasil, mas de todas as Espanhas.

Caro Viana Moog, nós lhe agradecemos; a importancia do seu "Eça de Queiroz e o seculo XIX" vai além do quadro literario. Eu conto o seu livro como um compromisso de honra que, nós da geração, liquidamos, com gloria para Eça de Queiroz e honra para todos nós.

O DISCURSO DE JOEL SILVEIRA Viana Moog:

Eu vou falar em nome de uma geração infeliz. Nós somos os que acordaram, um dia, e encontraram a vida embaralhada — excesso de caminhos, excesso de horizontes, emoções antigas confundidas com novas emoções e angustias novas, milhares de apelos, milhões de pedidos, problemas imensos. E sobre cada um de nós, como

A grande manifestação dos intelectuais do Rio, a Viana Moog

O almoço do Automovel Club --- A palavra de José Lins do Rego, Joel Silveira, Viana Moog e Jaime

8 - Out - 1938 Adour da Camara

um estigma, como duas azas chelas de sombra e mau presagio, esta exigencia do mundo e dos homens:

— Definam-se! Procurem um lugar ao sol!

Nem ao menos tivemos, na aurora, essas canções proprias de todas as auras. Canções que têm despertado os ouvidos de centenas de outras gerações mais venturosas e felizes, canções que ninguém soube ainda direito explicar se surgem de fóra — dos passaros, dos rios, dos homens — ou se nascem com o coração e com os olhos. O barulho dos canhões de 14, 15, 16, 17 e 18 sufocou toda a musica do mundo. Acordamos assustados e, como não chegamos a entrevê-la logo, odiamos a vida: havia muito fumo no ar e muitas vozes nos ventos para que os olhos incipientes pudessem aprender qualquer coisa.

Como você vê e compreende, somos quasi uns torturados. E daí este pessimismo, esta descrença total e esta desconfiança selvagem que moram conosco e que de balde tentamos encobrir e disfarçar sob um entusiasmo

ardente e uma alegria á flôr da pele.

Você, mais feliz, vem de outra geração, geração que sentiu outros momentos e viveu outros momentos. Conhece coisas do mundo que nós não chegamos a conhecer. Conhece coisas do mundo que nós nunca chegaremos a conhecer. Veiu para a vida como para uma arena. Sua luta, se lhe trouxe um conforto, a outros desperitou uma admiração que não pôde ser apagada. Todos nós, da nova e da novissima gerações deste Brasil sem definição, lhe devemos alguma coisa, porque todos nós fazemos parte também desta coisa. O que você já fez — é o suficiente para uma consagração — esta consagração que todos nós, que começamos ontem a caminhar, esperamos, ansiosamente, angustiosamente, como um pesadelo e como uma redenção.

Você talvez já tenha descoberto nas palavras que foram pronunciadas atraz um significado que deve ser levado em conta. Na hora precisa em que os homens se desconhecem uns aos outros, se negam e se engalfinham

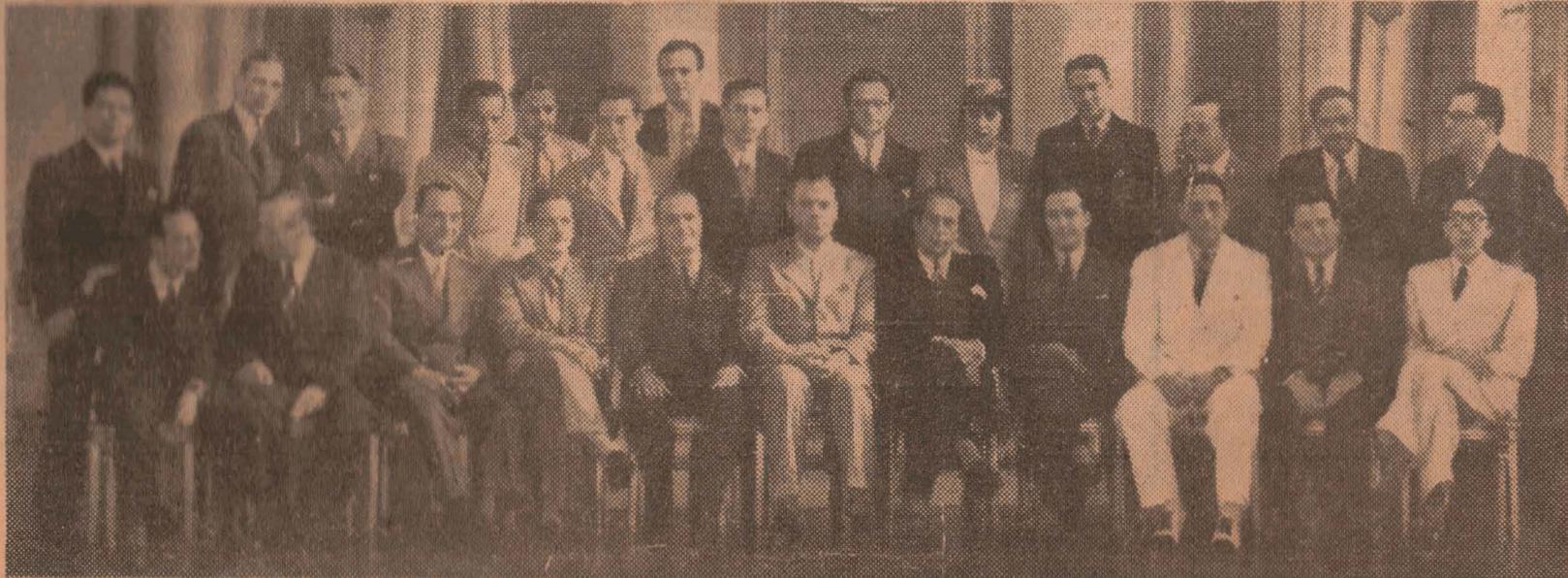
numa luta ingloria e inutil de paixões, momentos como este de agora deviam ser cotidianos. São momentos em que o negrume das almas desaparece, ficando unicamente a necessidade exigente de se fazer algo espontaneo e sincero. Espontaneidade e sinceridade que trouxeram todos que aqui vieram lhe chamar de irmão e lhe abraçar como a um irmão.

Tambem nós, que um dia aportamos na Capital mil vezes sonhada e desejada, sonhada e desejada como uma bem amada, que aqui chegamos esfrelados e iguais como gotas de uma só chuva, tambem nós queremos fazer parte desta festa de fraternidade. E o melhor elogio que poderemos lhe fazer é o de dizer que aqui estamos sem desconfiança e que acreditamos piamente na honestidade da sua luta.

FALA VIANNA MOOG

Meus amigos:

Não me levem a mal que eu vos diga não haver sido com uma satisfação completa, senão até com um pouço de sobressalto que tomei conhe-



Os intelectuais que homenagearam Vianna Moog no Automovel Clube do Brasil

cimento desta homenagem, tão fóra dos limites de minhas mais arrojadas aspirações. E' que, sob o domínio de irresistivel associação de idéias, acudiu-me a lembrança de um fato, em que o terrivel *doelganger* que mora dentro de cada um de nós, para atordoarnos com suas censuras, zombarias e restrições, procurou encontrar desde logo estranha coincidência. Referia-se elle a uma das mais extravagantes proezas da Sociedade do Raio, que ainda enche Coimbra com a legenda de suas façanhas. Decidiu um dia a terrivel associação promover, com escândalo geral, estrondosa manifestação de apreço a uma das mais magnificas e interpretativas figuras do cenário politico portuguez, por occasião de uma visita que este fazia á Lusitania, em propaganda eleitoral. Queriam ver os estudantes até que ponto se podia dar a altura e fúria de um urubutu perfeito, embora não urubutu.

Actual a mais divertida, mas cruel. E, porque, como sempre, desacomodado de surpresas violentas, não pôde fugir ao perigo instantaneo a impensado, não ficou a saber e impertinente remissamente. Por mais que recuasse e sobre a intenção de vossa gente, por mais que considerasse as divergências de tempo e de espaço que existem em caso de outra, não soube como de sobreviver ao possível ter sido maturo e descomulgamento e a surpresa de homenagem de Coimbra. Só vejo uma diferença: e no sentimento que inspirou as duas demonstrações. Lá a coragem, a irreverencia e a negra rirada, a costa dos ridiculos alheos. Aqui a amizade, a verdade de coração, a fidelidade, e sobretudo a esplendida capacidade de amigos que ainda mostram no espirito e na solidiedade uma fonte perenne de alegrias.

Bem compreendo meus amigos, a significação de vossa gente, ao actual, revelando-me, mediante a palavra de José Luiz de Rego para sustento da nova literatura e de José Sbrana, um novissimo cujo talento e o padrão de gloria dos que agora surgem na grandeza intelectual de nossa terra.

Afirmas que esta homenagem tem o claro sentido de aprovar e esforço de quem procura registrar para com Eça de Queiroz a dívida de honra de uma geração. Estará ella mesmo resgatada? Cuido que não. Amortizada é possível que sim.

Mas, estranho fadario o meu. No momento em que me daes quitação, contraio outra dívida bem mais difficil, de saldar: a de minha imprescritivel gratidão para convosco. Porque a vossa demonstração de carinho é dessas que a gente em vida nunca mais esquece.

Terminada a oração do brilhante escritor gaucho, Jayme Adour da Camara, em magnifico improvisado, fala em nome da geração mais velha, a de Alvaro Moreyra, Peregrino Junior, Bricio e dele mesmo. Foram palavras de admiravel intelligencia sobre a ação da sua geração e o agradecimento que

tem ella para com Viana Moog, talvez um dos poucos da actual geração quasi feita, que a compreendeu e amou.

Viana Moog partirá terça-feira para São Paulo e de lá para o Rio Grande do Sul. Estamos certos que levará elle, bem gravado n'alma a admiração e a estima que soube conquistar entre os seus colegas e amigos que vivem no Rio, vindos dos cantos mais longinquos e diversos de todo o Brasil.